

Religião e justiça social

Neste roteiro pedagógico, propomos discussões sobre a experiência da Igreja dos Pobres no Recife e em Olinda e sobre o contexto da Teologia da Libertação na América Latina a partir da trajetória de Lenira Carvalho e do seu engajamento com a Juventude Operária Católica (JOC). Lançamos luz sobre como a vivência dentro desse universo foi fundamental para a sua formação política, dando um sentido de consagração da vida à causa das trabalhadoras domésticas e a uma visão de mundo comprometida com a transformação social. Ao discutir a experiência de Lenira na JOC, esta aula ou oficina busca abrir caminhos para debates sobre a relação entre religião e política e as disputas permanentes que permeiam os campos religiosos. As atividades apresentadas neste roteiro podem, ainda, contribuir para discussões sobre o pensamento cristão que se impõe como hegemônico no atual contexto brasileiro.

Objetivos

- *Apresentar a importância da experiência na Juventude Operária Católica (JOC) para a elaboração do pensamento de Lenira Carvalho.*
- *Promover debates sobre a relação entre religião e política.*

Roteiros pedagógicos que se relacionam:



Religião e justiça social

Percurso metodológico

Tempo total estimado: 3h30

- 30' MOMENTO 1.
Sensibilização
- 90' MOMENTO 2.
Digo às companheiras que aqui estão
- 60' MOMENTO 3.
Debate guiado por leitura
- 30' MOMENTO 4.
Exposição

Materiais necessários

01. Quadro ou cartolinas e utensílios para escrita.
02. Dispositivos para exibição do filme *Digo às Companheiras que aqui estão*.
03. Cópias do Anexo.
04. Cópias do texto “Lenira Carvalho e a consagração à luta pela justiça social” (opcional).

Preparação

Para realizar a aula ou oficina, sugerimos que a educadora se prepare com os seguintes materiais:

- Leitura do capítulo “Uma nova visão de mundo”, do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*.
- Assistir ao filme *Digo às companheiras que aqui estão*.
- Materiais da seção **Para aprofundar** deste roteiro pedagógico.
- Leitura dos textos “Lenira Carvalho e a consagração à luta pela justiça social”, disponível neste roteiro, e “Um golpe e uma ditadura para sufocar o avanço de conquistas democráticas”, do Roteiro Pedagógico 10 - Ditadura empresarial-militar (1964-1985).

Para aprofundar

Estes materiais servem como uma boa consolidação dos aprendizados:



Hora Americana (Podcast de História das Américas) 60: **A Teologia da Libertação na América Latina**.

PAUTA PÚBLICA 82: **Evangélicos no Brasil: um assunto complexo**.



A luta das trabalhadoras domésticas, a Igreja dos Pobres e o feminismo popular: a formação de um campo político contado a partir da trajetória de Lenira Carvalho, artigo de Carmen Silva e Sophia Branco publicado na *Paralellus*, Recife, v. 11, n. 28, set.-dez. 2020, p. 429-457.



www.leniracarvalho.com.br/roteiro9

Passo a passo

Momento 1. Sensibilização

Solicitar que o grupo se divida em duplas e pedir que conversem sobre o lugar da religião nas suas trajetórias de vida, destrinchando quais e como foram os seus contatos com diferentes religiões. Depois do exercício em dupla, a educadora pode distribuir uma folha de papel para cada participante e solicitar que, individualmente, reflitam e escrevam sobre as questões a seguir: *Para você, o que significa ter uma religião? O que você acha que a religião pode trazer, tanto positiva como negativamente, para a vida de uma pessoa e para a sociedade?* Não é necessário compartilhar as reflexões com o grupo. Esse é apenas um exercício de reflexão individual.

Momento 2. Digo às companheiras que aqui estão

Após a sessão do filme (34 min), discutir brevemente as questões que chamaram a atenção do grupo. Em seguida, perguntar: *Qual foi o impacto da religião na vida política de Lenira Carvalho? Qual é a concepção de religião que Lenira tinha?* Em diálogo com as respostas trazidas, a educadora deve introduzir informações sobre a Teologia da Libertação na América Latina e a experiência da Igreja dos Pobres no período em que Dom Helder Câmara foi Arcebispo do Recife e de Olinda. O texto “Lenira Carvalho e a consagração à luta pela justiça social” e as indicações da seção **Para aprofundar** podem auxiliar com informações para a mediação dessa discussão com o grupo, porém, algum conhecimento prévio sobre a temática pode ser importante para garantir maior aprofundamento.

Momento 3. Debate guiado por leitura

Dividir as participantes em, pelo menos, dois grupos e distribuir trechos selecionados do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, disponíveis no anexo deste roteiro. Cada grupo deve receber dois trechos, que estão divididos em “Grupo 1” e “Grupo 2”. Caso o número de participantes da atividade seja grande, é possível dividi-las em mais grupos e utilizar os mesmos trechos para mais de um grupo. Os trechos selecionados nesta atividade evidenciam a mudança de perspectiva sobre a religião na vida de Lenira Carvalho antes e depois do seu engajamento na Juventude Operária Católica. A educadora deve pedir aos grupos que leiam os textos selecionados, discutam a mudança de perspectiva de Lenira e, em seguida, pensem em palavras-chave que possam caracterizar a concepção da autora sobre a religião nesses dois momentos da sua vida.

Ao fim desse momento, solicitar que os grupos compartilhem as palavras-chave escolhidas. A partir do que for trazido, a educadora pode levantar um debate sobre como os discursos religiosos não são uma verdade fixa e estão, também, em transformação e em disputa a partir de diferentes perspectivas que existem na sociedade. Retomando o contexto da Teologia da Libertação na América Latina à época, a educadora pode aprofundar as disputas em torno da religião católica que estavam em causa naquele momento e/ou levantar discussões contemporâneas sobre a religiosidade no Brasil.

Momento 4. Exposição

Depois de um mergulho no contexto histórico em que Lenira Carvalho conheceu a Juventude Operária Católica, a educadora pode levantar as seguintes questões: *A perspectiva religiosa de Lenira Carvalho é parecida com a nossa concepção ou com as concepções com que temos contato nas nossas famílias, nos nossos bairros, nos nossos espaços religiosos? O que aproxima e o que distancia o entendimento de Lenira sobre a sua religião e os entendimentos mais comuns com que temos contato hoje?*

Durante ou após a discussão em torno dessas questões, a educadora pode concluir a aula ou oficina apresentando reflexões sobre o cenário religioso atual no Brasil, o crescimento do fundamentalismo e da intolerância religiosa em setores cristãos do país e os ataques às religiões de matrizes africanas e indígenas. É importante falar que, apesar da força do conservadorismo nas igrejas cristãs hoje, também existem várias frentes cristãs progressistas. Neste sentido, sugerimos que se discuta como as religiões reúnem uma pluralidade de perspectivas e estão em disputa na sociedade. Ao final do encontro, o texto “Lenira Carvalho e a consagração à luta pela justiça social” pode ser distribuído entre o grupo para leitura posterior.

Lenira Carvalho e a consagração à luta pela justiça social

Lenira Carvalho iniciou sua participação política na Juventude Operária Católica (JOC), em reuniões onde as trabalhadoras domésticas discutiam seus cotidianos e suas condições de trabalho. Apesar da Igreja Católica ter sido uma referência importante para Lenira desde antes do seu encontro com a JOC, esse momento marca transformações importantes na sua trajetória, na sua forma de ver o mundo e na sua relação com a religião. Na JOC ela encontrou referências de luta que a ajudaram a dar nome e significado às injustiças que vivia no seu dia a dia. Para entender a atuação de Lenira Carvalho na Igreja Católica e a importância da JOC na organização das trabalhadoras domésticas no Brasil, é preciso lançar um olhar sobre o cenário do catolicismo no país, na América Latina e no mundo e, também, refletir sobre o que estava se passando fora das Igrejas.

Em toda religião, os princípios que guiam a conduta dos fiéis são fonte de debate e disputa permanente entre diferentes visões. A história do Cristianismo é atravessada por ciclos de renovação teológica e eclesial em que o poder e a riqueza das próprias Igrejas foram questionados e entendimentos diferentes sobre seu papel social foram discutidos. Na década de 1940, discursos humanistas e progressistas começaram a crescer dentro da Igreja Católica, sobretudo a partir da propagação do pensamento de teólogos franceses e belgas que denunciavam a exploração capitalista e as desigualdades sociais. É importante pensar que esse também foi um momento de crescimento da adesão ao socialismo em diferentes contextos. Poucas décadas antes, em 1917, a Rússia tinha vivido uma revolução que instaurou um regime socialista na então criada União Soviética. O mundo vivia uma forte polarização entre dois modelos sociais e econômicos: o socialismo e o capitalismo. Nesse cenário, discussões sobre qual deve ser o papel da Igreja frente às desigualdades e à pobreza existente no mundo se aprofundam dentro da Igreja Católica. Alguns marcos importantes desses debates são o Concílio Vaticano II (1962-1965), o Pacto das Catacumbas (1965) e as Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano de Medellín (1968) e Puebla (1979).

Desde o final da década de 1940, o Brasil já vivia influência das ideias progressistas que vinham se fortalecendo na Igreja Católica e

cresciam as ações de alfabetização, cristianização e conscientização em bairros periféricos, nas quais a ideia de compaixão e garantia da dignidade das pessoas caminhavam lado a lado. Ainda não havia uma teologia consolidada que incorporasse ideias de justiça social com uma perspectiva marxista, como viria a ser a Teologia da Libertação, mas discussões sobre as injustiças sociais a partir dos ensinamentos de Jesus Cristo desencadearam uma série de ações com o objetivo de transformar a sociedade. Apesar de numericamente minoritários dentro da Igreja Católica, os setores progressistas conseguiram fazer com que a concepção de uma Igreja que deveria se colocar contra as injustiças sociais tivesse influência no país.

Um importante personagem neste processo, em nível local, nacional e internacional, foi Dom Hélder Câmara, Arcebispo do Recife e Olinda entre as décadas de 1960 e 1980, e um dos responsáveis pela consolidação da concepção de uma Igreja Católica voltada aos pobres. Dom Hélder fortaleceu a atuação da Igreja na luta contra a miséria, por moradia digna e melhores condições de vida nas periferias e denunciou os crimes da ditadura empresarial-militar no Brasil (1964-1985). Sua atuação está inserida em um cenário no qual se fortaleceram experiências progressistas dentro da Igreja Católica em diferentes países da América Latina e Caribe, nas quais temas como a exploração capitalista e o subdesenvolvimento eram intensamente discutidos.

Nesse contexto e nas décadas seguintes também se ampliaram no Brasil as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), experiências construídas em territórios pobres nas quais se buscava conectar a leitura da Bíblia à compreensão da própria vida das pessoas e da realidade política e social em que viviam. As CEBs tiveram um importante papel na resistência à ditadura empresarial-militar e na organização política no processo de abertura democrática do país na década de 1980.

Ainda na década de 1960, Lenira Carvalho conheceu a Juventude Operária Católica numa reunião para a qual foi sem sequer saber o que encontraria. Ali, conheceu outra forma de viver a religião e saiu do lugar de solidão no qual sofria sozinha pelas condições de vida às quais

ela e as outras trabalhadoras domésticas estavam expostas. Apesar de muito religiosa, antes de conhecer a JOC Lenira vivia uma experiência religiosa disciplinar, relacionada à devoção e à privação dos prazeres como a dança e ir a festas. Era, sobretudo, uma experiência da religião como controle da sexualidade das mulheres. Se a fé, por um lado, aparecia como elemento de fortalecimento que a ajudava a atravessar o cotidiano, estava também associada à aceitação do mundo como ele era. Nas suas palavras: “Eu não deixava de ser revoltada, mas a minha fé aplacava alguma coisa”. Quando conheceu a JOC, encontrou uma Igreja diferente, preocupada com as condições vividas pela população. A partir desse momento, passou a pensar sobre a religião como um meio para transformar as injustiças do mundo, entendendo a luta por justiça social também como uma expressão de fé. Dali em diante, consagraria a sua vida à luta por condições dignas para as trabalhadoras domésticas com a mesma devoção com a qual seguia outros preceitos religiosos.

A JOC foi uma importante aliada na organização das trabalhadoras domésticas no Brasil. Organizou grupos de reflexão com trabalhadoras em diferentes cidades do país, utilizando o método ver-julgar-agir, que pode ser resumido como um caminho no qual se olha para a própria vida e a realidade ao redor, se analisa essa realidade com base nas referências cristãs e com atenção às injustiças, e se traçam estratégias para agir no mundo com o objetivo de transformá-lo. Eram encontros potentes, nos quais as trabalhadoras, que viviam uma vida de grande privação, tinham a possibilidade de compartilhar e analisar os problemas que atravessavam as suas vidas, construindo consciência em relação às situações de opressão que viviam. A JOC contribuiu para a organização dos primeiros encontros regionais e nacionais de trabalhadoras domésticas no país, deixando um saldo muito importante para a organização da categoria.

Apesar de muito potente, a experiência da Igreja dos Pobres liderada por Dom Helder Câmara e a efervescência das CEBs no Brasil foi se enfraquecendo. O papado de João Paulo II, que se iniciou em 1978, marcou uma gui-

nada conservadora na Igreja Católica em todo o mundo. Setores conservadores da Igreja que sempre foram expressivos se fortaleceram ainda mais. Clérigos ligados à Teologia da Libertação foram perseguidos e tiveram a sua influência reduzida dentro da Igreja. Experiências como as CEBs, que haviam marcado as décadas anteriores, foram perdendo espaço. No Brasil, esse contexto coincide com o momento de esgotamento da ditadura empresarial-militar, com levantes de trabalhadoras de diferentes setores e em diversas partes do país e manifestações massivas do movimento contra a carestia e as péssimas condições de vida que afetavam a maior parte da população. As alas progressistas da Igreja Católica cumprem um importante papel nessa transição e na organização política em bairros populares, mas ao longo da década de 1980 vão sendo minadas dentro da própria Igreja e perdem a sua força. Apesar disso, as diversas experiências em torno da Teologia da Libertação deixaram um legado importante, principalmente na América Latina, que nos permite pensar que as Igrejas podem ter diversas caras e a fé pode nos guiar em muitas direções diferentes.

Entre o contexto que exploramos neste texto e os dias de hoje, muito se transformou no cenário religioso do país. Uma mudança significativa é o crescimento numérico, político e cultural das Igrejas Evangélicas Neopentecostais e a redução da influência da Igreja Católica. Outra questão para estarmos atentas é o fortalecimento, tanto nas igrejas católicas como nas evangélicas, de discursos fundamentalistas, disciplinares e conservadores, que muitas vezes naturalizam e reforçam as desigualdades que existem no mundo. O fundamentalismo e a intolerância religiosa têm se expandido com práticas que promovem o ódio e a exclusão das diferenças. Por outro lado, em contraposição a estas visões, também temos vivido o crescimento de frentes cristãs que lutam pela ampliação da democracia, pela defesa do Estado Laico e contra discursos excludentes. Dentro do cristianismo, há uma ampla diversidade de perspectivas e a experiência da Igreja dos Pobres da qual Lenira Carvalho fez parte nos ajuda a pensar em caminhos para uma igreja comprometida com a justiça social.

Glossário

Estado Laico

Estado Laico ou Estado secular é aquele que não se manifesta em assuntos religiosos, garante a liberdade religiosa e não adota religião oficial, ou seja, um Estado em que nenhuma religião determina as normas e/ou leis a serem seguidas pelas cidadãs.

Teologia da Libertação

É uma abordagem teológica cristã que enfatiza a libertação dos oprimidos e engloba várias correntes de pensamento que interpretam os ensinamentos de Jesus Cristo em termos de uma libertação dos povos das injustas condições econômicas, políticas ou sociais.

Fundamentalismo religioso

O fundamentalismo é uma corrente de pensamento que prega obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios fundamentais. O fundamentalismo religioso se baseia na ideia de uma revelação divina como princípio estruturante da organização da sociedade em todas as suas dimensões. Em função disso, as correntes fundamentalistas religiosas tentam impor os seus preceitos sobre o Estado e a sociedade, na tentativa de transformá-las em normas para todas as cidadãs.

Intolerância religiosa

É uma forma de violência física ou moral que implica discriminar, ofender ou agredir de qualquer forma pessoas em razão de suas religiões, cultos, crenças ou práticas religiosas.



Anexo

Grupo 1



Eu trabalhava demais, sem parar. Sempre tinha muita coisa para fazer. Acordávamos muito cedo para fazer café, botar a mesa e tudo. Enquanto os outros dormiam, nós tomávamos café. Tinha vezes que a gente nem sentava para comer. Nunca tínhamos uma mesa decente para comer e, exceto pela manhã, sempre comíamos depois dos patrões. Na cozinha, pegávamos um banco ou sentávamos num degrau que dava para o quintal. Era tanta coisa para fazer, que uma vez eu trabalhei tanto que fiquei rouca. Um cansaço tão grande! Comecei a encher o tempo com a religião e a revolta. Mas essa revolta ficava dentro de mim. Aí, eu quis ser freira. Como a religião me acomodava, mas não resolvia, comecei a ter um problema: com vinte anos, eu não conseguia mais dormir. Eles começaram a ficar preocupados com isso, porque quando se tratava de doença, o meu patrão tinha muito cuidado. Trazia médico para casa. Tinha que dar injeção na hora! Na verdade, o meu problema de saúde era consequência da dureza do trabalho doméstico e da distância da minha família. Por isso eu não dormia, tinha uma insônia muito grande.

Vendo os empregados daquela casa, sentia que ninguém gostava daquela vida: eu, a babá, a lavadeira, a cozinheira, a costureira e o empregado. A gente não gostava daquela vida, mas a única coisa que a gente fazia contra isso era se juntar à noite e rezar o terço, pedindo para sair da casa dos outros. Não pensávamos em outro emprego, porque não sabíamos que outro tipo de trabalho poderíamos fazer. O único emprego que ouvíamos falar era de camponês, mas isso era no interior. Não conhecíamos pessoas pobres que trabalhassem em outras coisas, como fábrica ou comércio. As outras profissões com que tivemos contato eram todas exercidas por pessoas com muito estudo, como os médicos e professores, que eram amigos e frequentavam a casa dos patrões. Então o negócio era pedir a Deus para casar. Não dizíamos assim, mas só podia ser, porque era o jeito de sairmos daquela vida, daquela casa.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 52.

Na JOC, aprendi que dentro da religião havia um Deus que queria as pessoas iguais. Então eu comecei também a dizer: “Se esse Deus quer as pessoas iguais, eu tenho que lutar contra as injustiças! Tenho que ir contra tudo de injusto que tem na casa dos patrões!”

Um dia, um padre do movimento me provocou: “Você não acha que, quando está reivindicando dos patrões alguma coisa que não está na lei, isso não é religião?” Eu respondi: “Não! Eu acho que é religião. Porque estão fazendo uma coisa que não é certa e a religião é para ter o certo. Então eu sou cristã quando reivindico!”

Quando aconteceu aqui, em Recife, a marcha da família com Cristo, que foi organizada pelos poderosos, preparando o golpe de 1964, eu fui assistir. Eu já estava na JOC, mas fui assim mesmo porque lá estariam as patroas e eu queria ver como seria a passeata delas. Quando estava lá, ouvindo aqueles grandes, aquele povo do exército, me senti muito mal. Eles diziam que o país estava vivendo numa fase muito perigosa. Mas, para mim, era uma época de muita liberdade e democracia. Mesmo sem saber direito o que era, senti que algo de muito ruim estava para acontecer ao país. Em 1964, quando arrebentou o golpe, eu estava numa visita em Fortaleza. Eu era tão inocente que não tinha noção do perigo. Eu só ouvia as rádios chamando o povo para as ruas, para resistir ao golpe. Depois fecharam as rádios. Viajei de volta para Recife, sem ter noção do perigo. Nem imaginava que o trabalho que eu fazia na Igreja era contrário ao pensamento dos que deram o golpe.

Depois, me encontrei com pessoas da Igreja e de outros movimentos, até poder entender o que foi aquele 1964 e porque a gente tinha sido chamada de comunista. Tudo isso aumentou minha visão das coisas. E eu só vivia na Igreja tradicional e nem tinha votado em Arraes, porque o meu patrão dizia que na casa em que ele entrasse, se houvesse quadros de santo pendurados na parede, todos eles seriam lançados ao chão. Quem não teria medo de um homem assim?

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 84.



Quando me lembro desse medo de ser mãe solteira, fico pensando hoje que o casamento não garante a presença do pai, já que tantos maridos abandonam suas esposas e filhos. A religião também me ajudou a não ser mãe solteira, já que dizia ser pecado ter relações sexuais antes do casamento. Por isso eu fui ser “Filha de Maria”. Isso me preenchia, apesar de que tive que renunciar a muitas coisas que gostava de fazer, inclusive dançar, que, segundo as freiras, também era pecado.

No grupo de Filhas de Maria, que eu participava, havia pessoas com diferentes origens sociais. Houve uma reunião em que senti opiniões que desprezavam muito a condição dos mais humildes. Aquilo me revoltou muito e me fez questionar todo o grupo porque a gente era tratada daquela maneira. Chorei muito, mas falei. Depois, a freira veio me perguntar se eu não estava satisfeita nessa casa em que trabalhava. Ela me disse que poderia arrumar outra casa e, o que era pior, de uma família que eu não conhecia. A freira não entendeu que eu estava questionando a maneira de pensar das próprias Filhas de Maria. Naquele momento, eu não estava reclamando da casa em que trabalhava.

No interior eu dançava muito, mas depois que fui ser Filha de Maria, parei de dançar. Quando eu ia ao interior, visitar minha família, os rapazes não conseguiam entender porque eu não dançava mais. Lá, as pessoas nem sabiam o que era ser “Filha de Maria” e me perguntavam assim: “Por que tu não dança mais? Tu gostava tanto!”. Eu era tão fiel que achava que Deus estava vendo que eu não dançava mais e que Ele aprovava isso. No carnaval, eu fazia retiro, e isso minha patroa deixava. Entrava no colégio das freiras no sábado de carnaval e só saía na Quarta-Feira de Cinzas. Ficava o carnaval todinho lá, rezando, e o padre pregando sobre o inferno, o purgatório e o céu. Quando terminava, saía mais preparada ainda para não pecar, não fazer coisa errada. A noção de pecado era muito ligada ao sexo. Não havia nada sobre as injustiças e os outros pecados sociais.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 59.

Nenhuma outra doméstica foi presa. Só as que participavam desse movimento e também eram “permanentes”. Retornei ao antigo emprego, mas a relação com os patrões já não era a mesma. Os dois anos e meio de JOC me ajudaram a ter uma outra atitude. Acho que a patroa se arrependeu da hora em que me levou para o movimento. Eu deixei de achar que o sofrimento que a gente passava como empregada era uma coisa de Deus. Descobri que Deus não queria aquilo e que eu tinha um valor!

Mesmo antes de me tornar permanente, eu já tinha uma nova visão sobre o que seria a vontade de Deus. Numa reunião da igreja do meu bairro, disse que as empregadas domésticas não éramos verdadeiramente consideradas como paroquianas. Só quem contava eram as donas de casa. Depois disso, começaram a reservar, no mês de maio, uma noite para as domésticas. Mas, isso não significou nada para as domésticas.

Na medida em que ia descobrindo as coisas, eu perguntava mais. Por exemplo: “O que é ser comunista? A gente é de Igreja e eles dizem que a gente é comunista!”. Eu acho que os próprios golpistas me deram outra visão do que é comunismo. Eu vi trabalhador rural lá na prisão, amarrado, chutado e, quando eles começaram a dizer que eu era comunista, comecei a dizer: “Então, comunista é uma coisa muito boa, porque não estou fazendo nada de ruim, só estou procurando fazer o bem. Isso é ser comunista?”. Acho que eles fizeram isso com muitas pessoas, botaram muita coisa na cabeça delas que não era a verdade. Também achei que a polícia mentia muito. Quando eles diziam que bateram um aparelho cheio de armas, comecei a ver que era uma mentira. Na casa em que eu estava, eles disseram que existiam armas e não era verdade.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 86 e 87.